

O INCONSCIENTE FREUDIANO E A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA PROUSTIANA

FREUDIAN INCONSCIOUS AND PROUSTIAN INVOLUNTARY MEMORY

Marta Regina de Leão D'Agord¹

Resumo: Neste trabalho, analisamos alguns paralelos entre o conceito freudiano de inconsciente e a memória involuntária no romance *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust. No conceito de infinito matemático de Cantor, encontramos uma outra abordagem de leitura para descobrir novas relações entre a forma da escrita proustiana e a forma de pensar o tratamento psicanalítico. Interessa-nos também mostrar que é nosso distanciamento temporal em relação ao início do século XX que nos permite, hoje, encontrar semelhanças onde antes as diferenças é que eram predominantes.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Lembranças.

Abstract: In this work, we analyze some parallels between the Freudian concept of the unconscious and involuntary memory in Marcel Proust's novel *In search of lost time*. With Cantor's concept of mathematical infinity, we find another reading approach to discover new relationships between the form of Proustian writing and the way of thinking about psychoanalytic treatment. We are also interested in showing that it is our temporal distancing from the beginning of the 20th century that allows us, today, to find similarities where, previously, differences were predominant.

Keywords: Psychoanalysis. Literature. Remembrance.

FREUD, PROUST E MAIS UM

Em *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*, Roudinesco (2016) nos relata que Freud (1856-1939) chegou a ler Proust (1871-1922), mas que Proust não acompanhava o entusiasmo com que a psicanálise era acolhida pelo meio literário francês, em especial pelos surrealistas como Breton. Uma hipótese que faço é que como filho de médico, as pesquisas de Janet não eram desconhecidas para Proust, e algumas formas de tratamento conhecidas na época são apresentadas no seu romance *Em busca do tempo perdido* através do personagem Dr. Cottard.

A biógrafa francesa revela que em uma confidência a Marie Bonaparte, em 1926, Freud teria se mostrado decepcionado com a leitura de *No caminho de Swann*: “Não creio que a obra de Proust vá durar. E esse estilo! Ele quer sempre ir às profundezas e nunca termina suas frases” (ROUDINESCO, 2016, p. 119).

No entanto, já em 1924, o editor de Proust, Jacques Rivière (1896-1925),

¹Mestre em Filosofia.
Doutora em Psicologia.
Professora do Departamento
de Psicanálise e do
Programa de Pós-Graduação
em Psicanálise: Clínica
e Cultura do Instituto de
Psicologia (UFRGS). E-mail:
marta.dagord@ufrgs.br

percebera que “Freud e Proust exploraram de maneira paralela e dessemelhante, o sonho, o inconsciente, a memória, a sexualidade” (ROUDINESCO, 2016, p. 119).

Vamos então incluir nessa conversa um outro contemporâneo, o alemão Georg Cantor (1845-1918). O homem que corajosamente desbravou a infinidade matemática será o terceiro que nos ajudará a tecer aproximações entre as frases que nunca terminam no romance-catedral-gótica proustiano e a análise infinita freudiana. Cantor é muito conhecido por ter revolucionado a matemática com a teoria dos conjuntos. Hoje, no ensino fundamental, a teoria dos conjuntos é tema inicial, pois é considerada o alicerce da matemática. Além disso, ele criou um novo conceito matemático, o transfinito. O infinito, antes considerado vazio de sentido, era pela primeira vez abordado matematicamente. Ora, não encontramos aqui um paralelo com o inconsciente? Mostrou que era possível uma abordagem laica do infinito, do que excede nossa capacidade de representação, mas que pode ser deduzido. Em primeiro lugar, é preciso considerar a distinção entre discreto e contínuo. O discreto é a infinidade dos inteiros naturais (1, 2, 3, etc.). Já a infinidade dos números reais (Conjunto R é a reunião dos números racionais e irracionais, como Pi) é contínua como uma reta em que cada ponto corresponde a um número real. Cantor denominou de conjuntos transfinitos os conjuntos infinitos e contínuos, estabelecendo a diferença entre o infinito enumerável e o infinito contínuo. Separando o contínuo físico do contínuo matemático, o infinito pode ser pensado como limite e a continuidade como a propriedade de uma função. O infinito poderia ser matematicamente “controlado”.²

A noção de infinito aparece significativamente na obra freudiana. Se na matemática, a reta é uma imagem para pensarmos o contínuo, em psicanálise nós temos outra imagem: o umbigo do sonho. Esta foi a imagem escolhida por Freud para pensar o limite da interpretação e apareceu já em *A interpretação dos sonhos* de 1900.

Nos sonhos mais bem interpretados precisamos muitas vezes deixar um ponto no escuro, pois observamos durante a interpretação que ali começa um novelo de pensamentos oníricos que não se deixa deslindar, mas que também não forneceu outras contribuições ao conteúdo onírico. Este é o umbigo do sonho, o ponto em que ele se assenta no desconhecido (FREUD, 2012, p. 552).

Vale mencionar que Freud ainda se ocupará da problemática do finito e do infinito ao final da vida, no trabalho *Análise finita e infinita* (1996). Mas prossigamos com Proust. O romance-catedral-gótica de Proust tem como característica principal a possibilidade de continuar. Ou seja, a uma frase poderia ser acrescentada uma outra que acrescentaria detalhes sobre um sujeito, objeto ou adjetivo da frase anterior. Como adendos, observações adicionais, detalhes que foram recordados depois da primeira escrita da frase.

A comparação do romance proustiano a uma catedral gótica se deve à seguinte característica da arquitetura gótica das catedrais medievais: esse estilo arquitetônico era caracterizado tanto pela verticalidade e grandiosidade quanto pela subdivisão do espaço interior em design matemático, formado por sistemas de células de tamanhos variados justapostos em vários padrões. Essa ideia de subdivisões nos remete às frases que se tornam inacabadas ao permitirem que se acrescentem apostos, e a esses, travessões, e a esses, aberturas de parênteses.

Os biógrafos relatam que Proust escrevia nas margens dos manuscritos que já enviara ao editor. Ao receber de volta os manuscritos, na forma de pro-

ARTIGO

vas para a edição, seguia fazendo acréscimos. O que ele precisava acrescentar continuamente? Como se tratava de associações, a cada vez que relia uma frase, lhe ocorriam outras associações de ideias e acontecimentos.

Daí as frases longas, como as famosas cinquenta páginas iniciais do romance que narram o instante antes de adormecer. Há inicialmente uma cena infantil na qual a dificuldade em adormecer era vinculada à ausência da presença da mãe, ocupada que estava em atender a um convidado. Ora, esse convidado é aquele que será o tema do primeiro volume do romance de *Em busca do tempo perdido*, nomeado *Um amor de Swann*. Mas a narrativa dessas primeiras cinquenta páginas (intituladas Combray) não se limita à cena infantil, pois vem acompanhada de comparações com outros momentos da vida do narrador, diurnos e noturnos.

A publicação da série de sete volumes apenas se completou depois da morte do autor francês. Ele sofria de asma e os tratamentos de então não lhe permitiram mais anos de vida. Se permitissem, poderíamos ter hoje uma obra com mais volumes, pois cada frase poderia ter incluído outras frases, no estilo de narrativas intermediárias antes do derradeiro sétimo volume, que fechava a totalidade pelo título *O tempo redescoberto*. Esse último poderia não ser o sétimo, mas o oitavo ou nono, pois o acamado Proust poderia, em seu quarto forrado à prova de som e protegido do frio, seguir escrevendo a partir de novas ideias e lembranças que lhe ocorriam.

Lembramos ao leitor que Freud usava a expressão “ocorrência” (*Einfall*) para o que em língua portuguesa foi, inicialmente, traduzido por *associação livre*. Essa tradução dificulta a diferenciação entre memória e lembrança. A memória é objetivável, e, como certos números, obedece ao discreto, enumerável. Há áreas da psicologia e da medicina que se ocupam da mensuração da memória. Já o campo da recordação, do lembrar, encontra suas fontes na mitologia, na poesia e na filosofia que se ocupam com o tempo. O tempo como não controlável, não limitado. Podemos tentar controlar o tempo e o número. É o que propôs Cantor com os conjuntos de números transfinitos. Proust teve suas lembranças “controladas” pelo limite da vida. A psicanálise também precisa lidar com a finitude da vida, seja do analista, seja do analisando. Pois não fosse isso, seria infinita, no sentido de que cada lembrança pode remeter a uma nova recordação, e esta última, por sua vez, pode ser desdobrada naquilo que aconteceu como lembrança encobridora e aquilo que pode ter acontecido, mas foi esquecido. As lembranças são fragmentárias, não controláveis, pois irrompem repentinamente em ocasiões inesperadas, e também podem ser ditas “falsas”, nome não adequado, pois o mais próprio à psicanálise seria dizer que se trata de reconstruções de lembranças. Da memória podemos afirmar que haja falsas memórias, mas quanto às lembranças não há verdade e falsidade, mas tudo pode ser analisado e uma lembrança ultraclara pode ser fenômeno defensivo. A análise segue.

A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA E O INCONSCIENTE FREUDIANO

A memória involuntária de Proust e a hipótese freudiana do inconsciente têm um traço em comum: ambos os conceitos prescindem da inteligência e da vontade consciente para se fazerem presentes em nossa vida. Mas há ainda uma outra aproximação, muito mais produtiva, entre a memória proustiana e a psicanálise. A memória involuntária não é mais do que um método para uma escrita

que se pretende subjetiva, isto é, onírica, assim como a análise de sonhos tende a revelar algo esquecido ou recalcado na história do sujeito.

O umbigo do sonho é uma advertência freudiana aos psicanalistas de que não há uma explicação definitiva para determinado sonho. Assim também, aprendemos com Proust que a tarefa do sujeito que se debruça sobre suas recordações não é, em absoluto, a do reencontro com o que estava perdido, mas antes a tarefa infundável de recriação do que sentiu.

O verdadeiro artista, aos olhos de Proust, é aquele que recria a realidade a partir de suas impressões. A realidade é construída pelo sujeito, portanto, é realidade psíquica. Haveria então uma outra realidade além daquela considerada objetiva ou material. A verdadeira arte expressa a essência das coisas, e esta essência é, para Proust, subjetiva e incomunicável. A incomunicabilidade afeta o próprio sujeito, que era um no passado e é outro agora. Portanto, as impressões de outrora precisam ser traduzidas para o sujeito do presente. Proust ensina que não é possível a recuperação ou reconstituição do passado tal como foi vivenciado. O artista recria esse passado a partir de impressões, o analisante também o recria a partir de imagens, de sonhos.

Nesse ponto, Freud teria em Proust um aliado contra a opinião ingênua que acredita que as lembranças da época da infância provêm da própria infância. E quase um século depois, Freud ainda parece desequilibrar nossos ingênuos esquemas mentais quando lemos a conclusão de seu texto de 1899, *Lembranças encobridoras*: “Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas” (FREUD, 1987b, p. 287).

Para chegar a essa conclusão, também Freud precisou alterar seus esquemas, ou melhor, precisou mudar a perspectiva através da qual escutava a narrativa dos seus pacientes. Como sabemos, o objetivo de Freud ao interrogar seus pacientes em relação ao passado era o de dar sentido aos seus sintomas. Aos poucos, Freud desvendava um passado repleto de impressões e pensamentos recalcados (inconscientizados). Assim, tendo como ponto de partida de suas investigações as queixas de seus pacientes, Freud veio a descobrir que essas sensações penosas eram a cortina que encobria uma verdade. Uma verdade da qual o sujeito dizia nada saber, mas que, durante o tratamento (cura), terminava por ser revelada ao próprio sujeito.

O narrador de Proust cria imagens que são formadas pela associação de sentidos tendo como base a vizinhança entre os elementos: de um bolinho embebido em uma xícara de chá saíram as lembranças que o narrador julgara esquecidas. A escolha dessa imagem do esfarelamento mostra que seu romance abordará fragmentos reconstruídos que requerem a consideração dos sentidos, do sabor. Por sua vez, este remete a um saber que era sabido, mas esquecido. Cabe ao leitor de Proust encontrar aqui paralelos, princípios psicanalíticos do inconsciente como sabido, esquecido e eventualmente reconstruído em tratamento psicanalítico – apesar de perdurar o fragmentário, pois nunca se chega a uma totalidade, a uma reconstrução que seja a última.

Essa descoberta da potência da reconstrução fragmentária de lembranças teve um longo percurso em Freud, que vai do período em que ele acreditava no método hipnótico até a constatação de que, afinal, o que se perde no esquecimento é, na realidade, muito pouco em relação a tudo o que pode estar recalcado e aparentemente encoberto.

ASPECTOS DA GÊNESE DA TEORIA PSICANALÍTICA DO INCONSCIENTE

Em um primeiro momento, Freud desenvolveu uma teoria das neuroses com base no que acreditava serem fatos: as recordações de infância de seus pacientes. Essa teoria, apresentada nas cartas à Fliess no chamado Rascunho B com a data de 12 de fevereiro de 1893 (FREUD, 1987a, p. 275), pode ser assim resumida: quando se investiga a gênese dos sintomas histéricos sempre se chega a uma cena de sedução de uma criança por um adulto. Essa sedução, no entanto, não é compreendida pela criança. É somente na época da puberdade que, através de um evento anódino e casual, a primeira cena é evocada e agora compreendida pelo sujeito. É o efeito retroativo da significação. Pego de surpresa, o Ego não encontra, em geral, outro caminho senão a defesa patológica que provocará o aparecimento do sintoma histérico.

Nesse primeiro momento, Freud trabalhava com a noção de efeito retroativo para explicar os sintomas, pois desconhecia dois elementos que se tornariam fundamentais posteriormente: a sexualidade infantil e as fantasias. Entre abril e maio de 1897, Freud começa a investigar as fantasias enquanto formações psíquicas a partir de coisas que são ouvidas e que foram combinadas com experiências reais. As fantasias estariam no psiquismo como fachadas, obstruindo o acesso às lembranças primitivas. Mas poderiam servir justamente como caminho para chegar às cenas primitivas reais.

Parece que as lembranças se bifurcam: parte delas é posta de lado e substituída por fantasias; outra parte, mais acessível, parece conduzir diretamente aos impulsos. Será possível que, posteriormente, os impulsos também decorram de fantasias? (FREUD, 1987a, anexo à carta 64, datada de 31/05/1897).

Com a descoberta da importância das fantasias, faltava a Freud ainda um elemento para que ele pudesse afirmar que há uma realidade psíquica tão importante e decisiva para a formação de sintomas como as experiências reais. Este elemento é a tese da existência da sexualidade desde a primeira infância.³ Assim, se a sexualidade já se encontra desde a primeira infância, não é necessária a chegada da puberdade para o surgimento dos impulsos sexuais.

Passados quatro anos e meio da elaboração da teoria de que todos os neuróticos deveriam ter sido seduzidos na primeira infância, Freud lamenta-se de ter tomado como fato o que era fantasia. Ele está, na época, em pleno processo de autoanálise. Analisando seus próprios sonhos, que evocam cenas da sua infância, Freud descobre que é suficiente uma palavra ouvida pela criança para que a fantasia tenha material suficiente para construir uma suposta lembrança. É assim que, em 21 de setembro de 1897, ele escreve a Fliess lamentando-se de sua credulidade inicial. Freud não acredita mais em sua teoria da sedução, pois, ao querer aplicar a teoria em todos os casos de histeria, todos os pais, a começar pelo seu próprio, deveriam ser apontados como pervertidos. Mas a descoberta central que o levou a abandonar a teoria da sedução foi a seguinte: “no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada [investida] com o afeto” (FREUD, 1987a, p. 279-280).

A formação neurótica será então relacionada à ação dos traços psíquicos inconscientes, sejam eles fantasias, sejam lembranças reais. Aquilo que foi esquecido ganha também cada vez mais importância. Freud descobre que a

função da memória não é a de um arquivo aberto, mas que ela está sujeita a restrições por uma tendência da vontade.⁴

A pouca fidelidade das lembranças infantis ganha sentido quando Freud descobre que, na verdade, essas lembranças foram formadas posteriormente (no só-depois). A tendência à “falsificação” das lembranças não é, porém, intencional.

Freud não se apresenta como o primeiro a perceber essa tendência à “falsificação” das lembranças de infância. Para a comprovação desta tendência ele inclusive pôde contar com o testemunho de um grande poeta: J.W. Goethe (1749-1832), que afirmou no início de sua autobiografia:

Se tentamos recordar-nos do que nos aconteceu nos primeiros anos da infância, muitas vezes confundimos aquilo que ouvimos dos outros com o que realmente nos pertence e que provém daquilo que nós próprios testemunhamos (FREUD, 1992, p. 185).

Portanto, foi essa trajetória de descobertas desequilibradoras de esquemas teóricos ingênuos o que levou Freud a concluir que é temerário supor que temos mesmo alguma lembrança proveniente de nossa infância. O mais provável é que tenhamos lembranças relativas à infância. Freud reorientou a sua teoria na perspectiva do inconsciente como uma realidade psíquica. O inconsciente foi caracterizado como uma cena à parte da realidade percebida. Enquanto a consciência percebe a realidade, o inconsciente registra os traços mnêmicos dessa percepção. O que fica registrado inconscientemente está apenas aparentemente esquecido, podendo surgir no momento em que algo o despertar. E é no entrelaçamento destes dois cenários, a cena percebida e a cena que ficou registrada, que se encontra a significação dos traumas da infância. Os traumas são decisivos na vida de um sujeito não só enquanto experiência sofrida, mas também enquanto significação construída pelo próprio sujeito a partir de traços mnêmicos (traços estes que são resíduos de percepções). E assim, o que foi percebido (com olhos e ouvidos) na infância pode servir de material para a formação das lembranças de infância, assim como para a formação dos sintomas e dos sonhos.

Se Proust mostrou-se distante da elaboração psicanalítica e Freud não reconheceu na obra-prima proustiana paralelos com as lembranças enquanto reconstruções, ambos estavam juntos em um movimento que marcou o século XX, mas do qual estamos nos distanciando desde o final do século passado. O que esses dois gigantes do século XX nos legaram foi a consideração à materialidade do psiquismo, enquanto agente tanto da formação do romance quanto da formação do sintoma.

NOTAS

2. Fiz um resumo da contribuição de Cantor a partir do livro de Belna (2011, p. 129-136).

3. “O que temos diante de nós são falsificações da memória e fantasias, estas referentes ao passado e ao futuro. Conheço mais ou menos as leis segundo as quais se agrupam essas estruturas e os motivos pelos quais são mais fortes do que as lembranças verdadeiras; assim aprendi coisas novas que ajudam a caracterizar os processos do inconsciente. Ao lado destes surgem impulsos pervertidos, e quando, à medida que se torna necessário posteriormente, essas

ARTIGO

fantasias e impulsos são recalcados, aparecem as determinações superiores dos sintomas, já provenientes das lembranças, e novos motivos para manter a doença” (FREUD, 1987a, p. 278).

4. “A facilidade (em última instância, também a fidelidade) com que dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo, da força da impressão quando recente, do interesse voltado para ela na ocasião, da constelação psíquica no momento atual, do interesse agora voltado para sua emergência, das ligações para as quais a impressão foi arrastada, etc., não só coisas como essas, mas também da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer” (FREUD, 1987c, p. 264).

REFERÊNCIAS

BELNA, J.-P. **Cantor**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. Análisis terminable e interminable. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. Extratos dos documentos dirigidos à Fliess. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**: v. 1. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.

_____. Lembranças encobridoras. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**: v. 3. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

_____. O mecanismo psíquico do esquecimento. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**: v. 3. 2. ed. rev. Rio de Janeiro; Imago, 1987c.

_____. Un recuerdo de infância en Poesia y verdade. In: _____. **Obras completas**: v. 3. Tradução: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

PROUST, M. **No caminho de Swann**. Em busca do tempo perdido: v. 1. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2006.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.